

Literatura à mão: os serões do convento

literature for the hand: os serões do convento

HELDER MAIA¹, MÁRIO LUGARINHO¹,
FERNANDO CUROPOS²

Universidade de São Paulo¹, Sorbonne Université²

Resumo

Neste texto, a partir da análise de *Os serões do convento* (1862), introduzimos o conceito de literatura à mão, litera(mão), para pensarmos a literatura pornográfica que circulou entre o Brasil e Portugal. Para tanto, são analisados a linguagem, o lugar da obra nas historiografias literárias de língua portuguesa e LGBT, o seu anticlericalismo, as suas intertextualidades, as ressonâncias do livro em outros textos literários e sua autoria problemática. Por fim, discutimos o papel da crítica literária na abordagem de textos cujos personagens fogem aos paradigmas da heteronormatividade e da cisgeneridade.

Palavras-chave: Literatura Pornográfica em Português, Estudos de gênero, Estudos queer, Cânone, Autoria.

Abstract

In this text, based on the analysis of *Os serões do Convento* (1862), the concept of literature for the hand is introduced to discuss the pornographic literature that circulated between Brazil and Portugal. For that, the language, the place of the work in the Brazilian and Portuguese literary historiographies and LGBT, its anticlericalism, its intertextualities, the resonances of the book in other literary texts and its problematic authorship are analyzed. Also, the anticlericalism, the intertextuality, its resonances in other literary texts are indicated and its questionable authorship. Finally, we discuss too, the role of literary criticism in the approach of texts whose characters escape the paradigms of heteronormativity and cisgenerity.

Keywords: Pornographic Literature in Portuguese, Gender Studies, Queer Studies, Canon, Authorship

Impresso em formato de livro de bolso, em tamanho suficientemente pequeno para o livro aberto caber inteiro em uma única mão, *Os serões do convento* (1862) é um projeto literário (e editorial) pensado em seu conteúdo e em sua impressão como literatura à mão do leitor, ou seja, texto no qual o leitor segura o livro com uma mão ao mesmo tempo em que, com a outra, realiza a recepção literária. É preciso deixar claro que a recepção se dava através dos prazeres proporcionados pela leitura e que se faziam experimentados no próprio corpo.

Nesse sentido, podemos lançar mão de um conceito que une a experiência lúdica da leitura com o próprio ato de ler um texto, a litera(mão). Litera(mão) seria o conjunto de textos de variada ordem, ousando inferir a partir de Jean-Jacques Rousseau (2006: 21), que só podem ser lidas com uma única mão, uma vez que a outra mão está colaborando com a leitura eroticamente¹. A leitura desses livros está, portanto, predefinida pelo prazer erótico proporcionado ao leitor e “tem uma

¹ Há uma grande quantidade de representações visuais dessa forma de leitura. Sobre isto, consultar Natanael Azevedo e José Ferreira Júnior (2017).

finalidade fisiológica: despertar no leitor a vontade de gozar, instalá-lo num estado de tensão [...] de que terá de se libertar com um meio extraliterário” (Goulemont, 1995: 145). Todavia, lembrando Roland Barthes (2006), aquele que dela tratou, nem toda litera(mão) é necessariamente uma subversão, ao contrário, o prazer da leitura, como argumenta o mestre francês, também está associado à experimentação e à repetição das normatividades. De antemão classificado como pornográfico, *Os serões do convento* não só foi vendido, mas também lido e entendido pela crítica como tal.

À venda no Rio de Janeiro desde 1862², apesar de impresso em Lisboa, pela Typographia do Bairro Alto, destinava-se a leitores masculinos. Como “romance para homens”, de antemão, não só indicava o público ao qual o gozo da leitura estava destinado, como já anunciava o conteúdo erótico da obra.

A categoria de “romance para homens” era bastante heterogênea; como aponta Leonardo Mendes (2017: 177), nessa prateleira eram reunidos os seguintes tipos de livros:

- a) os romances libertinos franceses e ingleses do século XVIII,
- b) a pornografia anticlerical portuguesa e francesa dos séculos XVIII e XIX,
- c) os romances naturalistas portugueses, franceses e brasileiros “contemporâneos”;
- d) a ficção pornográfica “contemporânea” portuguesa e brasileira.

Os serões do convento fazem parte do último conjunto desses livros. E, sendo “romance para homens”, é preciso ter em mente que todo o erotismo que se encontra na narrativa é colocado em função de um desejo que se quer identificado como masculino, num momento histórico-cultural em que homens estão sendo moldados a servirem ao estado e a sociedade, como bem aponta George Mosse (2000). Esse tipo de produção literária afirma e exalta o exercício da virilidade e da sexualidade masculina, que se queria educada e domesticada, na esteira de publicações como o *Almanak Caralhal* (1860) ou, posteriormente, *O pauzinho do matrimônio*, de autoria desconhecida e ilustrado por Bordalo Pinheiro (1879).

Porém, essa categoria literária foi responsável pela disseminação de representações de gênero e de sexualidade dissidentes. Antes de confirmarem uma ordem de gênero, *Os serões do convento* estão marcados, em sua grande parte, pela transgressão e desterritorialização da normatividade de gênero e da sexualidade. Foi assim que, sob o signo da libertinagem (e/ou da patologização), surgiam personagens que se relacionavam sexualmente e/ou afetivamente com outros personagens do mesmo gênero, assim como personagens que transgrediam as normatividades de gênero. *Os serões do convento* é parte a ser requerida, assim, pela historiografia literária LGBT brasileira e portuguesa por apresentar personagens dissidentes, especialmente mulheres cisgêneras que se envolvem

² Importante dizer também que, não obstante sua suposta primeira edição ser de 1862, há relato da venda da obra em 18 de dezembro de 1861, no *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), onde se diz: “Aviso à policia: anda pelas ruas desta cidade um preto, capadocio, offerecendo a obra mais immoral que até hoje se tem visto, intitulada - Os serões do convento”. Também há notícias de novas edições em 29 de Novembro de 1910, no jornal *Pharol* (Minas Gerais), e em 18 de Janeiro de 1913, no jornal *Careta* (Rio de Janeiro), no formato de folhetim.

sexualmente e afetivamente com outras mulheres cisgêneras, assim como personagens que transitam entre a masculinidade e a feminilidade, ainda que seja com interesses principalmente sexuais.

Considerado o livro pornográfico de maior circulação no Brasil, segundo Alessandra El Far (2004), foi vendido por mais de quatro décadas seguidas e, certamente, atingiu um incontável número de leitores, numa época em que mais de 80% da população não sabia nem ler e nem escrever, não obstante *Os serões do convento* (1862) possuir uma linguagem que é pouco pornográfica efetivamente. Tal acontece por a obra inscrever-se na tradição da literatura licenciosa francesa dos séculos XVII e XVIII, embora já existisse, na produção portuguesa, uma literatura mais explícita de que será exemplo o romance *O confessorário ou o proveito dos frades* (1862), supostamente editado em Bruxelas (Lisboa, na realidade) um ano após *Os serões...*, funcionando como o seu “pendant” masculino e acompanhado por várias estampas.

Em *Os serões...* o autor recorreu principalmente a metáforas e a figuras de linguagem não só para narrar os encontros eróticos, como também para descrever os corpos dos personagens. Como aponta ainda El Far (2007), enquanto outros autores preferiam adotar as palavras “pica”, “caralho” ou “porra” para falar da genitália de seus personagens, o autor de *Os Serões* adotou expressões como “varinha de condão”, “lança”, “instrumento”, “serpente”, “furão”, “apêndice varonil”; como no seguinte trecho do livro no qual se narra a masturbação de um personagem que vive do comércio sexual:

A estas palavras, e ao exemplo, que o Amor mesmo lhes deu, lançarão automaticamente a mão ao lindo instrumento. A mão do Cupido, abraçou-o junto á raiz; a de D. Ifigenia logo por cima da do Cupido, e por cima da de D. Ifigenia a de D. Jacintha. Do alto d’aquella torre de tres mãos resahia ainda inteira a façanhosa cabeça, vermelha e brilhante como um farol; as duas irmãs forcejavão por abarcar em cheio, cada uma da sua parte, a porção que empunhava; mas os seus dedos erão muito curtos e o corpanzil tão rijo, que por mais que o apertassem para unirem as pontinhas dos dedos, não cedia á compressão (1862: 209, tomo 2)³.

Além disso, há, ainda, outras duas características evidentes na obra: o anticlericalismo do século XVIII e XIX e a intertextualidade com outras obras consideradas pertencentes à tradição da literatura libertina de séculos anteriores.

Na altura da publicação de *Os serões...*, na Europa, em meados do século XIX, o racionalismo reaparecia e denúncias de cerceamento à liberdade de pensamento e de consciência favoreciam a laicização da sociedade. Conforme o historiador português Fernando Catroga:

Na verdade, foi na sequência da onda conservadora, que se seguiu ao fracasso das revoluções de 1848 e às decisões da Igreja contra a Modernidade - consubstanciadas na reafirmação do dogma da Imaculada Conceição (1854), na encíclica *Quanta Cura* e nas anatematizações do Syllabus (1864), assim como na dogmatização do poder papal e em outras deliberações do

³ Por se tratar de transcrição, foi mantida a grafia original.

Concílio Vaticano I (1868- 1870) -, que alguma “inteligência” europeia se convenceu de que era necessário organizar o combate a favor de uma nova revolução cultural. E esta, actualizando os objectivos do Iluminismo, devia servir de motor para a instauração de uma sociedade que possibilitasse a definitiva emancipação (cultural, política, social) do género humano (2001: 259).

O anticlericalismo foi tema recorrente tanto na Literatura Portuguesa quanto na nascente Literatura Brasileira (v. Santos, 2014). Trataram do tema, para citarmos os mais relevantes, Alexandre Herculano, em seu *Eurico, o presbítero* (1844), seguido, posteriormente, pelo brasileiro Bernardo Guimarães, com *O seminarista* (1872), pelos intelectuais portugueses da Geração de 1870, especialmente Eça de Queirós com *O crime do Padre Amaro* (1875). Nessa discussão, não se pode deixar de lado uma referência a Camilo Castelo Branco, com o *Amor de perdição* (1861), cuja caracterização do convento onde a protagonista, Teresa, fora encerrada, é convergente ao espaço central de *Os serões...*:

Não fazes ideia do que é um convento! Se eu pudesse fazer do meu coração sacrifício a Deus, teria de procurar uma atmosfera menos viciosa do que esta! Creio que em toda parte se pode orar e ser virtuosa, menos neste convento! (s/d: 66).

Alessandra El Far (2004) aponta que os padres e as freiras, em *Os serões...* especialmente as freiras, são libertinos, donos de uma sexualidade insaciável, muito afastados das ideias de “serenidade, meditação e fé” com que usualmente se descrevia vida monástica.

Ao lado das obras pornográficas, que criavam uma atmosfera de devassidão no clero, surgiram livros que evocavam escândalos ocorridos nos mosteiros, solapando a legitimidade dessas instituições. Alertavam também os pais e educadores sobre os perigos da má educação recebida pelos jovens nos internatos e conventos, tendo em vista que esses locais congregavam um contingente de homens e mulheres renegados pela família e sem oportunidades sociais no mundo laico. Usavam o hábito não pela crença em deus, mas sim por terem sido vítimas de um destino infeliz. Assim, os autores dessas obras, sob diferentes pontos de vista e estilos narrativos, ressaltavam as supostas fraquezas e faltas cometidas pelos eclesiásticos, conferindo força às reformas liberais que prosseguiram com o confisco de bens de várias ordens religiosas (El Far, 2004: 230-231).

Na “Introdução” ao livro, o autor de *Os serões...* apela à natureza, não apenas para criticar a anti-naturalidade da castidade, como, também, para aproximar freiras de odaliscas e o convento de um harém, através do exercício da sexualidade feminina; instituindo um suposto discurso de verdade sobre o corpo feminino. A própria narrativa pretende um efeito de verdade ao informar o leitor de que seria originada de um manuscrito de um velho padre confessor:

No habito, que repulsa pelo respeito, está a mulher, que attrahe pelo amor; está o coração, que respira; está a virgindade que protesta. Felizmente para ella, como ultimo refugio contra a desesperação, no meio de tanto captiveiro, fica-lhe a liberdade, o pensamento; o desejo; a imaginação; a solidão do apozento e da noite; os sonhos, que ninguem doma; os gostos, que, mesmo onde os não semeiam, se produzem espontaneos; e, enfim, os tacitos recursos da

sympathia do infortunio, a amisade, que, na moeda que tem, paga, como pode, as dívidas do amor. Oh! Sem dúvida; a religiosa christã no seu encêrro melancolico, e a odalisca da Georgia, ou Circassia, nos salões de ouro e rubis do sultão de Constantinopla, são irmãs no pensar e no sentir (1862: 9-10, tomo1).

A obra, que vamos hoje tirar da obscuridade de cincoenta annos, é extrahida das memorias secretas de um ancião, director de consciencias, n'um convento de senhoras, na provincia do Minho, em Portugal. É um manuscripto precioso de que um acaso feliz nos metteu de posse, e em cuja publicação julgamos fazer á moral um bom serviço, provando, pela millesima vez, aos pais e educadores, o perigo que pôde haver em se contrariarem os sentimentos naturaes. Foi talvez com esse mesmo intuito que o reverendo padre confessor que escreveu o que as innocentes servas de Deos lhe iam ingenuamente confiando de seus pensamentos, palavras e obras, como boas christãs que certamente eram. O sigillo imposto ao confissionario lhe vedou escrever nomes verdadeiros (1862: 12-13, tomo 1).

Tal estratagem a inscreve-se na tradição do romance libertino francês dos séculos XVII e XVIII, criar um “sistema de credibilidade” do qual “usam e abusam” (Goulemont, 1995: 149-150) os romances e contos eróticos. Logo, não são de estranhar as similitudes temáticas e formais de *Os serões...* com *La Vénus dans le cloître* (1672), do Abade Du Prat, obra canônica do gênero que circulou em Portugal nos finais do século XVIII. Embora não tivesse sido traduzida, outras obras licenciosas francesas o foram, nomeadamente *Thérèse philosophe* (*Historia de Thereza Philozopha*, 184?), de Jean-Baptiste de Boyer d'Argens (1748), cujo tradutor para a língua portuguesa, somos levados a crer, tenha sido também o autor de *Os serões...*, como se verá mais adiante. Com efeito, em algumas das edições comercializadas em Portugal, o livro (num único volume) vinha acompanhado de um catálogo de obras do gênero na contracapa, com a seguinte menção: “Obras no mesmo gosto e que particularmente se encontram à venda nas livrarias”. (*Os Serões...*, s.d.)

Os serões... estabelecem flagrante intertextualidade com o *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio (1348), não só quanto à estrutura do livro, uma vez que ambos os textos se constroem a partir de narrativas compartilhadas em grupo, mas através da semelhança das histórias narradas, já que muitas das narrativas de *Os serões...* são recriações de episódios do *Decamerão*. O episódio “O que umas ceroulas podem conter de pacificação”, narrado pela discreta Soror Thereza de Jesus, reconstrói a “Elisa”, assim como a “História de um jardineiro mudo”, da Abadessa Maria da Natividade, reconstrói o “Masetto de Lamporecchio”, “O Cabide”, narrativa da desterrada Soror Clara, é o “Pânfilo”, e “A Ermitoa”, narrado pela poetisa de sugestivo nome, Soror Violante, é o “Dionéio”.

Além do explícito diálogo com *Decamerão*, são encontradas também paródias de passagens bíblicas como, por exemplo, o episódio da endiabrada Soror Margarida, “O dizimo das casadas”, que reconstrói pornograficamente o episódio narrado no evangelho de Mateus, capítulo 25. O mesmo acontece com folhetins, por exemplo, a história da Soror Virgínia, “Roberto do Diabo”, que reconstrói o folhetim *La vie du terrible Robert le Diable*, de 1496.

O livro, além da “Introdução”, cuja principal finalidade era produzir um discurso com efeito de verdade, como já dissemos, é composto de onze narrativas eróticas

contadas pelas freiras em três noites diferentes, cuja finalidade é não só criar uma “perfeita intimidade” entre as mesmas, mas também excitá-las eroticamente.

No primeiro serão, que se passa na cela de Soror Thereza de Jesus, são contadas seis histórias e, no final, as freiras saem aos beijos em casais ou trios para os quartos. O segundo serão, que se passa na cela da Abadessa, é composto por quatro narrativas e ao final, no próprio local, as freiras trocam longos beijos e “ardentes atritos de corpos”. O último serão, que também se passa na cela da Abadessa, é composto por apenas uma narrativa, no final da qual é proposto que as irmãs se entreguem à abstinência sexual, a fim de aumentarem o erotismo de quem conta e de quem escuta, uma vez que elas decidem que nos próximos encontros contarão apenas histórias pessoais. O próximo encontro fica marcado para o domingo, véspera da festa de São João, na casa de recreação do convento. O livro, porém, encerra-se neste momento:

- Ora oução-me as minhas queridas amigas. Domingo é vespera do Sr. S. João; hade-se juntar este ranchinho todo, de tarde lá em baixo, no fundo da cêrca, na casa de recreação, por ser um perfeito retiro, ás 7 horas da tarde, e não falte nenhuma. Eu incubo-me de a arranjar, para as receber. A nossa abbadeça hade lá ter posto um excellente copo d’agoa. Estes dias, que decorrem até la proponho eu, que os empregue cda uma de nós em recordar-se muito bem da sua primeira aventura galante, para nol-a contar, e mais do que a primeira, se quizer.
- Aprovado, exclamou a abbadeça, e a exemplo d’ella algumas outras.
- Proponho, emfim, conluio a oradora, que até a vespera do Sr. S. João nenhuma de nós se lembre, que tem em si o registo... do gaz.
- Porque? perguntou a poetisa.
- Porque esta abstinencia, que eu proponho, hade-nos fazer devorar com mais avidez as historias com que temos de ser regaladas, e o mais que a ellas se seguir, como espero. Separarão-se todas entre abraços, beijos e risos, e cada uma se retirou para a sua cella, imaginando maravilhas d’aquella vespera de S. João (1862, p. 221-223, tomo 3).

O livro termina, então, com uma promessa de continuidade, na qual seriam narradas as histórias experimentadas pelas próprias freiras. É nesse sentido que afirmamos no começo desse texto que *Os serões do convento* são, não apenas um livro, mas, um projeto editorial, uma vez que ele parece ter sido planejado para ser retomado por qualquer outro autor, como de fato aconteceu. De acordo com os dados da suposta primeira edição do livro (1862), seus três tomos seriam uma “Primeira Série”, com apenas narrativas de terceiros. Uma “Segunda série” continuaria na área de recreação do convento e conteria apenas as narrativas vividas pelas próprias freiras. O fato do livro ter sido publicado sem autoria, constando apenas as iniciais “M. L.”, viria a favorecer essa continuidade narrativa também por outros autores, numa espécie de antevisão das futuras *fan fictions*. No entanto, é evidente também que o anonimato era uma forma de preservar a reputação do autor e de protegê-lo da censura pública, como argumenta El Far (2004)⁴.

4 Vários outros jornais fazem menções ao anonimato da obra, dos quais se destaca, O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (Espírito Santo), de 28 de Maio de 1909, que dizia que ser a publicação a "obra mais immunda que até hoje veio à luz" e que "só pode ser produção de um padre". Outras menções, estão registradas, por exemplo, em O PAIZ (Maranhão), de 27 de Maio 1879; no ALMANAK LITTERARIO E

Em 1926, a morte de um alfarrabista carioca, João Martins, deu a oportunidade de se revelar publicamente a autoria do texto. Através da nota de seu falecimento, publicada em 25 de Abril de 1926, nos jornais CORREIO DA MANHÃ, O JORNAL⁵ e JORNAL DO BRASIL (todos do Rio de Janeiro), fica informado que José Feliciano de Castilho (1810-1879), o irmão do poeta português António Feliciano de Castilho (1800-1875), não só teria sido o autor de *Os serões do convento*, como também foi o autor de outras obras pornográficas, como a versão em português de *Thérèse philosophe* (1748)⁶.

José Feliciano de Castilho, além de autor e tradutor de textos pornográficos, de acordo com crônicas de Agrippino Grieco, publicadas em O JORNAL (Rio de Janeiro), em 22 de Julho de 1928 e 9 de Fevereiro de 1930, e de Mucio Leão, publicada no JORNAL DO BRASIL (Rio de Janeiro), em 10 de Setembro de 1955, foi também um importante “ghost writer”, como podemos perceber no trecho abaixo:

Entre nós foi escriptor de alquiler, abrindo no Campo de Sant'anna, no predio em que mais tarde funcionou uma academia de direito, um escriptorio para confeccionar a tanto por linha, acrosticos, sonetos, discursos relatorios e outros trabalhos em prosa e verso, graças a um operoso corpo de amanuenses letrados, rasistas do parnaso e varejistas da esthetica. Esse especulador das letras, redigiu os “Serões do Convento”, livro que é uma gamella, ou um bebedouro para animaes, livro que tem sido a cantharida mental de muito quinquagenario em mal de amores. (GRIECCO, Agrippino. O JORNAL, 22 de Julho de 1928)

Nascido em Lisboa, José Feliciano mudou-se para o Rio de Janeiro em 1847, onde morou até à sua morte em 1879. Nesse sentido, é bem possível que *Os serões do convento* tenha sido escrito no Brasil, ainda que a única publicação encontrada seja a edição portuguesa da Typographia do Bairro Alto, de Lisboa, aliás expediente comum, muito em função do intenso comércio de livros entre Brasil e Portugal, naquela altura.

José Feliciano de Castilho, de acordo com Hélio Vianna (1950), era um intelectual muito próximo ao imperador D. Pedro II, gozando de grande prestígio na Corte. Foi fundador e editor de importantes jornais e revistas, além de conhecido tradutor. No campo literário, teve desavenças públicas importantes com o escritor brasileiro José de Alencar, a quem acusava de “defeitos de linguagem, erros e artificialidade dos temas”; além disso, há rumores dessa querela teria sido fomentada pelo próprio Imperador, desejoso por destruir a reputação de Alencar.

ESTATISTICO (RIO GRANDE DO SUL), Nº 14, DE 1902; ou em A PROVÍNCIA: ÓRGÃO DO PARTIDO LIBERAL (Pernambuco), de 14 de Setembro de 1909. Chama a atenção, o fato da obra ser comentada por jornais de várias regiões brasileiras o que indica, especialmente, que a circulação e o interesse pela obra não ficaram restritos à cidade do Rio de Janeiro, capital do país até 1960.

⁵ “Conta-se que censurou o conselheiro José Feliciano de Castilho, autor dos *Serões do Convento*, por lhe haver o escriptor dirigido um gracejo um tanto livre” (O JORNAL – Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1926).

⁶ Além dessa nota de jornal, Tancredo de Barros Paiva, em seu *Achêgas a um dicionario de pseudonymos* (1929), e Adriano Guerra Andrade, no *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses* (2000), também atribuem a José Feliciano de Castilho a autoria de *Os serões...*

No entanto, a história desse livro, sucesso de vendas tanto no Brasil quanto em Portugal, complica-se se atendermos às fontes portuguesas que apontam para o próprio António Feliciano de Castilho (1800-1875) como o verdadeiro autor:

O autor foi António Feliciano de Castilho, embora várias pessoas pretendessem ver nos iniciais de frontispício o nome de Mendes Leal.

Estas indicações são do falecido poeta António Rodrigues Xavier Cordeiro que foi quem revia as provas, revisão que se efetuava no subterrâneo da casa onde habitava o autor António Feliciano de Castilho para que a família deste não ouvisse uma leitura cuja linguagem é por demais livre (*BOLETIM DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA*, vol. 17, Coimbra. 1947: 20-21).

Tendo em conta a popularidade do autor na época, mais conhecido por ter escrito *Cartas de Echo a Narciso* (1821) ou *Amor e melancholia* (1828), não é de admirar o sigilo. A confusão faz todo o sentido, porém. Pois, o irmão radicado no Brasil tornou-se agente comercial da obra além-mar e, pelos vistos, o seu maior divulgador se atendermos à popularidade da obra, que continuou a ser editada em Portugal até o início do século XX, tanto para venda local quanto destinada ao mercado brasileiro, junto com outras obras do mesmo teor, como se verifica nesta nota de jornal, publicada em 1909, em Belém, no estado brasileiro do Pará:

Ainda agora os leitores viram como o comandante do Pará apreendeu uma porção de livros nojentos pornográficos, como o *Amor de um Cherubim*, *Thereza Philosopha*, *Serões do Convento* e outros que eram franca e publicamente vendidos no bar como se fossem refrescos de groselha [...]. E o vendedor declarava desassombadamente que os havia recebido muito licitamente do almoxarifado da Lloyd, a quem passara recibo. (*A PROVÍNCIA* (Recife), 14 de setembro de 1909).

Apesar do conflito entre as fontes brasileiras e portuguesas, é preciso apontar que o sigilo em torno da autoria era mais do que necessário não apenas pela reputação dos autores, que gozavam de prestígio em ambas as cortes, mas por força de uma censura moral, não oficial, de um tempo em que assuntos como os tratados pelos *Serões* não eram públicos. Pode-se inferir, contudo, mesmo com fontes conflitantes, que *Os serões do convento* foi uma empresa editorial, produzida a quatro mãos, nos dois lados do Atlântico. Certamente, acompanhavam a tendência lucrativa da produção editorial de pornografia fomentada por autores e editores portugueses voltados para o crescente mercado editorial brasileiro (El Far, 2004: 192-193).

Mais tarde, *Os serões do convento* (1862), como projeto editorial, foi continuado pelo escritor português Alfredo Gallis (1859-1910). Publicou sob o pseudônimo de Rabelais, uma série intitulada *Os serões do convento (A história de cada uma)*, contos publicados originalmente na coleção erótica *Bibliotheca Elegante* (com ilustrações e fotografias tiradas do natural), de 1906 a 1907, além de já ter publicado outros contos do mesmo teor, de que o volume *Recreios conventuais* (1892) dará, pelo título, uma ideia. De acordo com António Ventura (2011), a obra teria sido publicada entre 1906 e 1907; no entanto, de acordo com Natanael Azevedo, o livro teria sido publicado provavelmente em 1882. O livro de Gallis parece cumprir o

prometido pela obra de 1862, como podemos inferir a partir desse resumo elaborado por Azevedo (2017b):

O romance pornográfico é dividido em 11 capítulos, a saber: “O passado de uma abadessa”, “Uma freira modelo”, “História da Clarinha: ao que leva à curiosidade”, “História de D. Violante: guardar uma mulher”, “História de D. Margarida: quadros realistas contra a virtude”, “História de D. Angélica: o que uma menina viu e fez... até os 15 anos”, “História de D. Guilhermina: ver é bom, gosar é melhor”, “História de D. Virginia: quadros defesos”, “História de D. Cecília: a mocidade de uma noviça”, “História de D. Delfina: virgem!” e, por fim, o último capítulo: “Conhecimentos antigos”. Este último se divide em 4 partes que caminham para o arremate da narrativa, findando o dia de véspera de São João após as mais voluptuosas histórias narradas, culminando em um apogeu do desejo. Primeira parte, “Conhecimentos antigos”: D. Margarida ao sair da casa do recreio na manhã de 23 de junho de 18... se depara com o novo hortelão que está a cuidar dos craveiros. A freira empolga-se com o robusto homem e é revelado ao leitor que se trata de Manoel, seu antigo amante e pai de sua filha. Ao final do encontro, eles marcam às onze da noite para conversarem e se entregarem aos prazeres acumulados. Na segunda parte, “O novo capelão”, chega ao convento um jovem e belo padre que aguça os mais luxuriosos desejos das freiras, em especial D. Margarida que toma para si a missão de seduzir o capelão. Na terceira parte, “Entre noviças”: as religiosas se queixam que estão a tempos satisfazendo-se umas com as outras, fazendo às vezes do homem. Cogitam então seduzirem o capelão e o hortelão. De imediato, D. Margarida tenta subverter esse plano, alegando que mais cedo tentara seduzir o hortelão, mas não conseguira êxito. Apesar da tentativa de despistar as irmãs em relação à sedução do hortelão, as religiosas tomadas de desejos luxuriosos armam um plano para arrebatar Manoel, o hortelão, e padre Francisco, o novo capelão. Na quarta e última parte, “Às onze da noite”: D. Margarida disposta a não dividir o “cetro” de seu amado com as outras freiras decide contar-lhe os planos de sedução de D. Delfina. Após fecharem a porta da cela de D. Margarida, entregam-se às mais lúbricas ações de gozo até o cair da madrugada. A narrativa encerra com a descrição da cópula e do tesão acumulado de três anos entre Manoel e D. Margarida (Azevedo, 2017b:366).

Os serões do convento, apesar de terem sido o romance pornográfico mais vendido no Brasil, conforme El Far (2007), e apesar de pairar sobre ele hoje o mais profundo silêncio, esteve presente durante quase oitenta anos na memória de jornais e de críticos literários, tanto no Brasil quanto em Portugal, aparecendo não apenas sob a forma de críticas, mas também como referência em outros textos literários. Em *O Aborto* (1893), obra do escritor brasileiro Alberto Figueiredo Pimentel, os primos Maricota e Mário, personagens construídos sob a égide do naturalismo e, portanto, dotados de alguma patologia, leem não só *Os serões do convento* mas também *Volúpias*, de Alfredo Gallis. De maneira semelhante, surge no conto “Na encruzilhada...”, do escritor mineiro Heitor Modesto (1881-1945), e publicado em *A MAÇA* (RJ), em 26 de Agosto de 1922, sob o pseudônimo de Jan Richora. Nesse conto, Mario sugere a Carlinda a leitura de *Os serões do convento* e de outros textos pornográficos como forma de corrompê-la moralmente. Agenor Nunes Pires, da mesma forma, em uma comédia teatral, publicada pelo *JORNAL DAS MOÇAS: REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA* (Rio de Janeiro), em 18 e 25 de Janeiro de 1934, leva Beldemônio a oferecer uma lista de livros obscenos para que Esmeralda também seja corrompida moralmente e os *Serões* estava entre os títulos citados, .

Mesmo havendo alguns críticos dedicados à sua leitura, atualmente, *Os serões do convento* não recebem menção em nenhuma obra de historiografia literária. Ainda assim, devem ser destacadas as recentes investigações de Natanael Azevedo (2017) e Leonardo Mendes (2017). A este fato atribuímos, principalmente, não apenas o seu esquecimento ou desconhecimento, mas, também, o teor erótico da obra, que ainda pode incomodar alguns espíritos muito acostumados à leitura de obras mais sublimes. Talvez, porque ainda ressoem nos ouvidos dos críticos os inúmeros artigos de jornais que abordaram, de alguma maneira, *Os serões...*

Em REVISTA ILUSTRADA (Rio de Janeiro), 1880, por exemplo, ao criticar a peça Antonica da Silva, que aborda o “travestimento masculino”, de Joaquim Manoel de Macedo, um jornalista escreve que, depois de uma peça de “imoralidade crua e descabelada”, só resta ao autor montar *Os serões do convento*. De igual maneira, em A PROVÍNCIA: ÓRGÃO DO PARTIDO LIBERAL (Recife), de 14 de Setembro de 1909, Gonçalves Maia pede medidas severas e eficazes para evitar a circulação de obras obscenas, como *Os serões do convento* e *Thereza Philosopha*. Por fim, em CARETA (Rio de Janeiro), de 21 de Novembro de 1914, podemos ver, em uma caricatura assinada pelo famoso J. Carlos, que o recém-empossado presidente brasileiro Venceslau Brás na biblioteca do palácio presidencial facilmente encontra *Os serões do convento*, mas não a Constituição⁷ (Fig.3).

Infelizmente, a crítica e a historiografia literária ainda insistem em práticas conservadoras por se desviarem de narrativas que põem em xeque papéis normativos de gênero e sexualidade, lançando mão, muitas vezes, de critérios relativos como literariedade, valor estético, escola literária, etc., para esconder, em verdade, a incapacidade de lidarem com sujeitos que estão além da heteronormatividade e da cisgeneridade.

Obras como *Os serões do convento* estão esquecidas, apagadas, silenciadas e relegadas ao lixo da História, que cumpre revolver. Ao descortinarmos outras faces de nossas sociedades, mais saberemos de nossas virtudes e de nossas pretensas moralidades. Seria a evidência da “hipótese repressiva” que Michel Foucault nos apresentou na abertura do primeiro volume de sua *História da Sexualidade – a vontade de saber* (1988: 15), porque se falamos da repressão à sexualidade é porque ela é historicamente evidente – lembremo-nos das polêmicas que envolveram as publicações do já citado *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós (1875), ou de *A carne*, do brasileiro Júlio Ribeiro (1888), para não trazermos à baila o episódio nefasto da “literatura de Sodoma”, que envolveu Fernando Pessoa e António Botto (Lugarinho, 2003). Os recentes *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature*

⁷ A caricatura parece indicar a chegada de Venceslau Brás ao Palácio do Catete, recém deixado pelo ex-presidente Hermes da Fonseca. Acusado de imoralidade pela sociedade da época, Hermes da Fonseca havia se casado com a pintora e jornalista Nair de Tefé, em 1913, um ano após a morte de sua primeira esposa. A grande diferença de idade entre eles (ele tinha 58 e ela 27 anos), e o comportamento independente de Nair de Tefé levava o presidente a ser acusado de acobertar imoralidades no palácio. Nair de Tefé, além de ter sido a primeira mulher caricaturista do mundo, escandalizou a elite brasileira por usar calças masculinas e levar aos salões da república, músicos populares que tocavam instrumentos considerados imorais e lascivos, como o violão e a guitarra.

portugaise (1875-1915), de Fernando Curopos (2016), e *O mundo gay de António Botto*, de Anna Klobucka (2018), são exemplos das poucas investigações de fôlego nesse sentido sobre a cultura portuguesa. Investigações sobre a cultura brasileira, desde, pelo menos, os anos de 1980, vêm, mesmo com parcimônia, descortinando esse passado oculto, como Dino Pretti (1984), Lúcia Castello Branco (1984)⁸, seguida por Jesus Antônio Duringan (1986), João Silvério Trevisan (1986), Ronaldo Vainfas (1989), James Green (2000) e, pelos já citados, Alessandra El Far (2004), Natanael Azevedo e José Ferreira Junior (2017) ou Leonardo Mendes (2017)⁹.

Parecem ainda persistir os alertas do século XIX, como se lê num texto crítico, assinado por V. M. e publicado em A NOTÍCIA (Rio de Janeiro), em 20 de Novembro de 1895, no qual também era analisado *Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha: a tarefa da crítica era produzir uma análise que matasse nos leitores a vontade de conhecer esses livros “imundos”, que continham apenas “pornographia grossa e brutal”.

A atenção a temas da sexualidade, do erotismo em suas múltiplas facetas, da pornografia em suas inúmeras manifestações foi propiciada pela profunda modificação dos paradigmas das ciências humanas e sociais ocorrida ao longo do século XX. No âmbito dos estudos da Cultura e da Literatura Brasileira e nos estudos da Cultura e Literatura Portuguesa, ainda permanece como caminho a ser explorado, zona de sombra, ou mundo à parte, malgrado a sua presença cotidiana nas mãos que seguram os livros.

⁸ Em *O que é o erotismo?* (1984), Castello Branco anunciou a redescoberta de *O elixir do pajé* e *A origem do mênstruo*, de Bernardo Guimarães, o famoso autor de *A escrava Isaura* (1875).

⁹ A obra de Trevisan, *Devassos no paraíso* (1986), merece a menção, apesar de não ser uma obra que se dedique especificamente à Literatura, por sua inequívoca contribuição inaugural e seminal a uma história da sexualidade e da homossexualidade no Brasil. De igual maneira, Vainfas (1989) e Green (2000), como historiadores, oferecem suporte ao estudo literário.

Helder Maia¹, Mário Lugarinho, & Fernando Curopos – ” Literatura à mão: os ... ”

Figura 1. Folha de rosto de uma edição supostamente brasileira de *Os serões do convento*. Nessa edição não há informação acerca de editora ou ano de publicação.

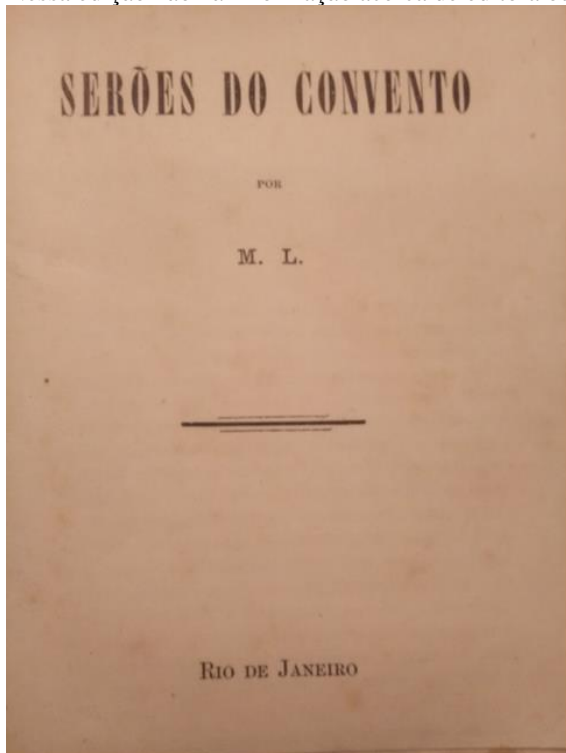
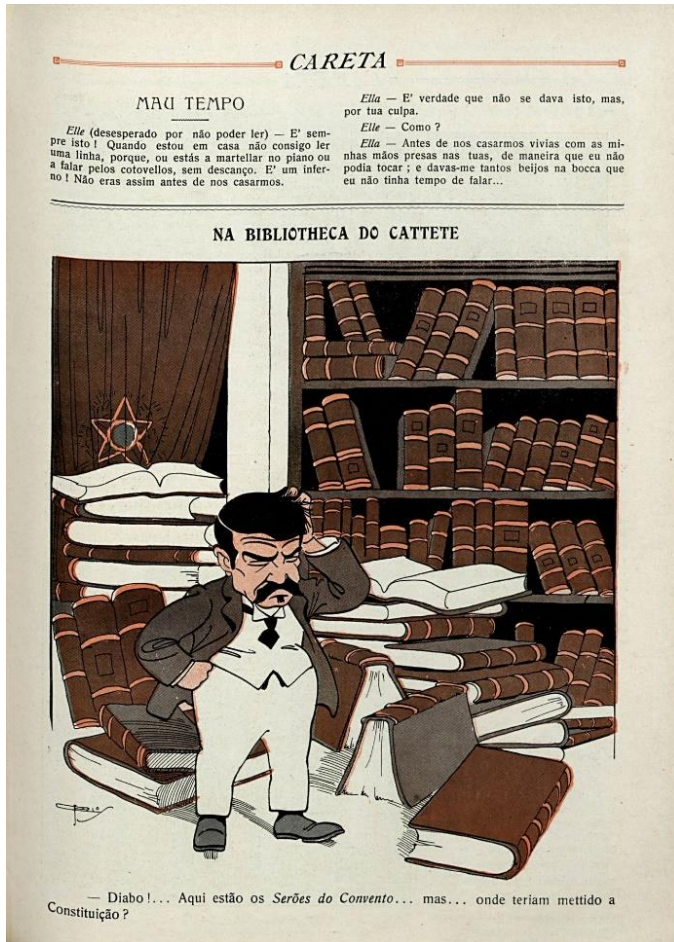


Figura 2. Folha de rosto da segunda parte, ilustrada com fotografias, de *Os serões do convento*: “A história de cada uma”, com a autoria indicada de Rabelais, pseudônimo de Alfredo Gallis, onde se vê indicação do lugar de publicação (Lisboa), editora (Cupido & C^a) e ano de publicação



Fig. 3. Caricatura, assinado por J. Carlos, onde se vê o Presidente da República Venceslau Brás, recém empossado, na biblioteca do palácio presidencial. A CARETA (Rio de Janeiro), de 21 de Novembro de 1914.



Referências

- (L. M.) (1862). *Os serões do convento*. Lisboa: Typographia do Bairro Alto.
- Andrade, Adriano Guerra (2000). *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa, Biblioteca Nacional.
- Azevedo, Natanael & José Ferreira Júnior (2017). “Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura”. *Graphos*, 19(12): 140-164.
- Azevedo, Natanael (2017c). “Pelo buraco da fechadura: autores e obras da literatura pornográfica luso-brasileiros (1890-1912)”. *Sóletras*, 34: 140-164.
- Azevedo, Natanael & José Ferreira Júnior (2017b). “Trajetórias pornográficas: a literatura luso-brasileira por meio de livros e jornais”. *Raído*, 11 (26): 127-145.
- Barthes, Roland (2006). *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Branco, Camilo Castelo (s/d). *Amor de Perdição* [Biblioteca Digital]. Porto Editora.
- Branco, Lucia Castello (1984). *O que é erotismo?* São Paulo: Brasiliense.
- Branco, Lucia Castello (1985). *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG.
- “Bibliotheca Galante” (1947). *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, v. 17: 20-21.
- Catharina, Pedro Paulo & Leonardo Mendes (2015). “O aborto, um best-seller naturalista esquecido” (Posfácio). In: PIMENTEL, Alberto Figueiredo. *O aborto*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Catoga, Fernando (2001). “O livre-pensamento contra a Igreja: a evolução do anticlericalismo em Portugal (séculos XIX-XX)”. *Revista de História das Ideias (Coimbra)*, 22: 255-354.
- Curopos, Fernando (2016). *L’émergence de l’homosexualité dans la littérature portugaise (1875- 1915)*. Paris: L’Harmattan.
- Duarte, Aline (2017). “Rabelais: Alfredo Gallis e os subgêneros pornográficos na belle-époque”. In: *Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC – Rio de Janeiro, 7 a 11 de agosto de 2017*, v.4: 6798-6805.
- Duringan, Jesus Antônio (1986). *Erotismo e Literatura*. São Paulo: Ática.
- El Far, Alessandra (2004). *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- El Far, Alessandra (2007). “Crítica social e idéias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos ‘romances para homens’ de finais do século XIX e início do XX”. In: *Cadernos Pagu*, 28: 285-312.
- El Far, Alessandra (2011). “Os romances de que o povo gosta: o universo das narrativas populares de finais do século XIX”. *Floema*, 9: 11-31.
- Foucault, Michel (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Goulemont, Jean M. (1995) *Ces livres qu’on ne lit que d’une main*. Paris: Minerve.
- Green, James (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp.
- Klobucka, Anna (2018). *O mundo gay de António Botto*. Lisboa: Documenta.
- Lugarinho, Mário César (2003). “Literatura de Sodoma: o cânone literário e a identidade homossexual”. *Gragoatá*, 14: 133-145.

- Mendes, Leonardo (2017). “Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX”. *Cadernos do IL*, 53: 173-197.
- Mendes, Leonardo (2017b). “Álbum de Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica na Primeira República”. *O eixo e a roda*, 26 (3): 205-228.
- Mosse, George (2000). *La imagen del hombre*. Madrid: Thalassa.
- Paiva, Tancredo de Barros (1929). *Achêgas a um diccionario de pseudonyms*. Rio de Janeiro, J. Leite.
- Pretti, Dino (1984). *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Rousseau, Jean Jacques (s/d). *Las confesiones*. Buenos Aires: Biblioteca Virtual Universal.
- Santos, Ceistian (2014). *Devotos e devassos – representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: Edusp.
- Trevisan, João Silvério (1986). *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Max Limonad.
- Vainfas, Ronaldo (1989). *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. São Paulo: Campus.
- Ventura, António (2011). “Rabelais, isto é, Alfredo Gallis, o pornógrafo” (Posfácio). In: Gallis, Alfredo. *Aventuras Galantes*. Lisboa: Tinta da China.
- Vianna, Helio (1950). *Um intelectual português na corte de D. Pedro II*: José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Coimbra: Coimbra Editora.